

## Morte e vida severina na França

Mort et vie séverine en France

Rosanne Bezerra de Araújo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo investigar o processo de transferência cultural entre França e Brasil no campo da tradução e da poesia brasileira, especialmente do livro *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto. Justifico este estudo por entender que um poeta como João Cabral, com uma extensa obra a ser explorada por diferentes ângulos, e com uma vasta fortuna crítica, dever ser sempre revisitado e atualizado. Henri Meschonnic (1999), Lawrence Venuti (2019), George Steiner (1975) e Mathieu Dosse (2009) são os referências teórico-críticos principais desta pesquisa. Por fim, além de investigar a tradução e a circulação desse poema narrativo na França, este estudo pretende demonstrar a tradução como trabalho de comunicação intercultural e crítica. Um trabalho capaz de alargar as fronteiras da nossa literatura-mundo.

### PALAVRAS-CHAVE

João Cabral de Melo Neto; Poesia; Tradução

### RÉSUMÉ

L'objectif de cet article est d'étudier le processus de transfert culturel entre la France et le Brésil dans le domaine de la traduction et de la poésie brésilienne, en particulier le livre *Mort et vie séverine*, de João Cabral de Melo Neto. Je justifie cette étude parce que je crois qu'un poète comme João Cabral, avec une œuvre étendue à explorer sous différents angles et une vaste fortune critique, devrait toujours être revisité et mis à jour. Henri Meschonnic (1999), Lawrence Venuti (2019), George Steiner (1975) et Mathieu Dosse (2009) sont les principales références théoriques et critiques de cette recherche. Enfin, en plus d'étudier la traduction et la circulation de ce poème narratif en France, cette étude vise à démontrer que la traduction est un travail de communication interculturelle et critique. Un travail capable de repousser les frontières de notre littérature-monde.

### MOTS-CLÉS

João Cabral de Melo Neto ; Poésie ; Traduction

#### Rosanne Bezerra de Araújo

Professora Associada 4 do Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras Modernas na UFRN do Curso de Letras-Ingês. Atua no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem. Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba, com estágio de doutorado no exterior (CAPES), no Departamento de Teologia na Universidade de Nottingham, Reino Unido (2007-2008).

Recebido em:  
15/03/2024

Aceito em:  
29/05/2024

AGOSTO/2024  
ISSN 2317-9945 (On-line)  
ISSN 0103-6858  
p. 146 - 156

## 1. Introdução

João Cabral de Melo Neto (1920-1999) foi um autor que cativou o público e a crítica com a publicação de sua obra-prima, *Morte e vida severina* (1955), certamente a mais conhecida nacional e internacionalmente. Foi o primeiro escritor brasileiro a ser laureado com o Prêmio Camões. Para esta pesquisa, busco registrar a tradução e a circulação de sua obra na Europa, em especial na França. Desde a celebração do centenário de nascimento do poeta em 2020, foram realizadas novas jornadas de estudo sobre a sua obra. Novas traduções têm surgido, como as que foram publicadas, na França, por Mathieu Dosse, tanto pela Editora Gallimard: *Poèmes choisis* (2022), como pela editora Chandeigne: *Mort et vie sévérine* (2023), auto natalino traduzido depois de setenta anos de sua publicação no Brasil.

O poeta trabalhou como cônsul em vários países, inclusive na França, em Marselha. Esses cenários se concretizaram no seu imaginário e, conseqüentemente, nas páginas de seus livros. Assim, o autor não descreve somente a geografia brasileira – sertão, caatinga, canavial, mas também a região da Provença, da Andalúcia, dos Andes, e assim por diante. Os lugares visitados pelo poeta passaram a habitar seus versos, o que revela a diversidade cultural de sua obra.

Como sabemos, a crítica clássica da obra cabralina a divide em duas partes, conhecidas por “duas águas”. Uma relacionada à metapoética, à preocupação estética do escritor, e a outra ligada a temas sociais e à oralidade. Vemos, no entanto, que ambas as águas se misturam. De fato, a totalidade de sua literatura demonstra o autocontrole no processo da feitura do poema. É evidente que a racionalidade perpassa toda a poesia de Cabral, porém sem deixar de lado a emoção. A tentativa de controlar a feitura poética, talvez inerente aos artistas-críticos, e mais especificamente ao artista moderno, torna-se primordial na relação do poeta entre o processo criativo e a matéria de seus poemas.

Juntamente com as tendências críticas mais contemporâneas, várias temáticas surgem em torno da obra do poeta, provando que a investigação de sua poética é inesgotável. Para o presente estudo, investigo a recepção da obra de João Cabral na França, notadamente a tradução recente (2023) de *Morte e vida severina* para o francês por Mathieu Dosse. Como método que norteia esta investigação, parto da ideia de Henri Meschonnic (1999) de que a teoria da tradução é um campo novo na teoria e na prática da literatura, e que tal prática está inevitavelmente ligada à prática social e, portanto, apresenta-se em constante evolução. Lawrence Venuti (2019), por sua vez, argumenta que a tradução atravessa fronteiras institucionais e que ela deve ser entendida e valorizada como um processo de erudição que vai muito além do fato de transitar entre línguas, culturas e saberes. Também acolho o pensamento de George Steiner (1975), quando afirma, em sua obra *Depois de Babel*, que a tradução do texto literário não deve ser limitada exclusivamente ao domínio da linguística. Traduzir, para além da comunicação humana, é um processo que contribui para a preservação de culturas. Como bem afirma Barbara Cassin, “a cultura existe, é muito importante, e não deve ser reservada a uma elite ou tratada como algo de acesso restrito. A cultura, tanto da paisagem como da alma, não é privilégio de uma civilização nem de uma nação. Existem as culturas” (2022, p. xxi). Por meio da

tradução, pode-se observar o diálogo entre culturas focando na recepção, circulação e internacionalização de obras.

Sendo a tradução o foco principal deste artigo, não poderíamos deixar de destacar o caso particular de João Cabral, como um escritor que traduziu obras de outros autores e que possui sua obra traduzida para outros idiomas, aspecto pouco tocado pela crítica literária. Como bem aponta Antonio Carlos Secchin (2022), João Cabral foi tradutor do francês, inglês, catalão e espanhol. Em 1945, traduziu e publicou o conto “O ousado rapaz do trapézio suspenso”, de William Saroya, e em 1963 publicou a tradução da peça *Os mistérios da missa*, de Pedro Calderón de la Barca. Para além dessas traduções, é importante notar João Cabral como tradutor de outras linguagens (pintura, escultura, arquitetura) para a linguagem verbal. Como sabemos, a arquitetura de Le Corbusier está impregnada em alguns de seus poemas. O próprio poeta admitiu em entrevista que a teoria da arquitetura corbusiana o inspirava bastante e que as obras dos pintores Mondrian e Miró muito contribuíram para o desenvolvimento de sua estética.

Em seu ensaio: “João Cabral: tradutor e traduzido.” Secchin diz que ao todo, identificamos traduções de seus livros para os idiomas: alemão, catalão, espanhol, francês, inglês, italiano e holandês. Para o espanhol, João Cabral foi amplamente traduzido. Apesar do grande reconhecimento e alcance de sua obra, Secchin (2022) constata a ausência de tradução da obra cabralina para o francês:

Para o francês, porém, praticamente não existem traduções – apenas duas semi-clandestinas. Uma delas, inédita, de *Morte e vida severina*, foi levada a cabo pelo falecido escritor Bruno Tolentino, num trabalho de grande qualidade (Secchin, 2022, p. 87)

Quando o crítico escreveu seu ensaio, a edição bilíngue de *Morte e vida severina* ainda não havia sido publicada na França. Trata-se de uma tradução bem recente por Mathieu Dosse, tradutor que foi agraciado com o Grande Prêmio de Arles (2016) e o Prêmio Books-Gulbenkian (2017) pela tradução da obra de Guimarães Rosa, *Meu tio Iauaretê*. Dosse (2023) observa que *Morte e vida severina* traz a temática atual da migração, em diferentes partes do globo – a busca pela terra, pela sobrevivência.

Na seção seguinte, abordaremos um pouco da chegada do poema de João Cabral na França que vai desde a adaptação para o teatro até a sua tradução e publicação em livro.

## 2. O percurso de Morte e vida severina na França

A noção de transferência cultural, como o próprio termo indica, investiga a maneira como os textos viajam de um país a outro, ou seja, busca compreender como ocorre o deslocamento e a circulação das obras. Nessa passagem de um contexto cultural a outro, notadamente no caso da tradução de *Morte e vida severina* para o francês, é preciso registrar as etapas da mediação – a chegada do auto natalino na França e de como o significado da obra viajou de um contexto a outro, levando em consideração aspectos sociais e políticos nessa transferência.

Assim, antes de chegarmos à tradução de Mathieu Dosse, faz-se neces-

sário conhecer como o poema narrativo, *Morte e vida severina*, viajou até à França. Após o sucesso da encenação da peça do auto natalino no Brasil com a participação musical de Chico Buarque, a obra ultrapassou o espaço nacional. Em 1966, a peça que havia se tornado um símbolo de resistência em meio à ditadura militar no Brasil chega ao *Festival Mondial de Théâtre Universitaire* de Nancy. O sucesso foi tanto que a peça continuou sendo encenada em outras cidades europeias, sendo ovacionada pelo público e pela crítica. Novamente, em 2017, “*Vie et morte séverines*” foi encenada no teatro da Bastilha, em Paris. O poema foi adaptado para o palco pela companhia de teatro Amaú, criada pela brasileira Mariana Camargo e a argentina Magdalena Bournot, com encenações em Paris e em Lyon entre 2017 e 2019. Mais uma vez, a obra ultrapassou o regionalismo brasileiro e alcançou popularidade por ser uma representação emblemática do problema migratório na Europa. Finalmente, em 2023, *Morte e vida severina* foi traduzida para o francês por Mathieu Dosse e publicada em livro pela primeira vez desde a sua criação. Se observarmos esses três momentos de circulação desse auto natalino na França, veremos que o contexto político é semelhante. Em 1964 o Brasil sofreu o golpe militar. Imediatamente grupos de resistência do meio artístico se organizaram em São Paulo em busca de uma peça que tivesse um caráter político, mas que conseguisse escapar da censura. O texto bem elaborado de João Cabral parecia perfeito para a adaptação ao palco. Da encenação no Brasil, a peça viajou para a França em 1966, tornando a obra ainda mais popular com a recepção crítica. Em 2017 a crise migratória na Europa já vinha ganhando enorme repercussão com a quantidade de imigrantes e refugiados viajando em embarcações precárias, que tinham como destino os portos europeus, resultando em milhares de mortos por afogamento. Em meio a esse contexto, a peça foi encenada no teatro da Bastilha para dar visibilidade à essa crise migratória. A tradução recente do auto natalino por Mathieu Dosse foi acolhida por esse contexto de crise de populações que migram forçadamente, semelhante ao protagonista Severino desse poema narrativo. Severino representa tantos outros indivíduos anônimos do Nordeste brasileiro, indivíduos cuja história é marcada pela fome e pela injustiça. Conforme Dosse (2023), o poema narrativo torna-se atemporal por expor a dimensão social e política de populações excluídas, seja no Brasil, seja na Europa.

### 3. Dos caminhos da tradução

Antes de abordar propriamente a tradução de Mathieu Dosse de *Morte e vida severina*, busco, neste artigo, traçar, ainda que de modo breve, um entendimento sobre a prática da tradução como uma real troca intercultural. Investigo como a tradução literária é vista por certos autores e em determinados contextos acadêmicos, combato a visão de que a tradução seja uma atividade secundária, na qual o texto traduzido é simplesmente uma cópia do texto-fonte, e procuro ressaltar a tradução como um incansável processo de aventura lúdica de leitura e de escrita. Tal processo não deveria ser relegado às margens da investigação acadêmica. Nessa seção, tento expor um pouco dos caminhos que os estudos da tradução vêm tomando. Justamente pela natureza dinâmica desses estudos, não é objetivo deste artigo dar conta

da longa trajetória dessa área de estudos. Desse modo, farei um recorte com o foco numa temática que é comum nessa área de conhecimento, ou seja, o antigo e recorrente debate entre tradução fiel e tradução livre. Para ilustrar esse debate, trago alguns autores que fomentam essa discussão sobre a correta compreensão do texto primário. Em *Teorias contemporâneas da tradução*, Edwin Gentzler (2009) abrange desde o desenvolvimento dos estudos da tradução literária nos Estados Unidos das décadas de 1970 e 1980, passando pela desconstrução, pelo advento dos estudos culturais, pela teoria pós-colonial da tradução, até chegar aos tempos atuais. De fato, os estudos da tradução têm recebido atenção desde 1980, lutando para se libertar do domínio das teorias orientadas pelo texto-fonte, ganhando seu próprio espaço no meio acadêmico e estabelecendo diálogo com outras áreas do conhecimento: estudos literários, linguísticos, históricos, etnográficos, antropológicos e assim por diante. Até os anos 2000 não era esperado que a área da tradução se desenvolvesse com numerosos estudos, já que, tempos atrás, a tradução era compreendida como um processo automático, com uma abordagem binária tradicional do texto traduzido. (Gentzler, 2009). Com o surgimento de novas teorias linguísticas pós-coloniais e desconstrutivistas, tivemos uma verdadeira evolução e crescimento nos estudos da tradução. Novas teorias e métodos surgiram principalmente após mudanças no desenho da geopolítica – abertura da China e o reconhecimento de países do Sul Global. Tais mudanças fortaleceram as comunidades étnicas e a expansão de suas culturas.

No artigo “L’acte de traduction : écrire, publier, lire – La traduction littéraire à l’âge de la mondialisation”, Mathieu Dosse (2009) afirma que, mesmo com os avanços na área da tradução, há obras que, por não pertencerem ao centro hegemônico e canônico, levam tempo para ser traduzidas. Se tomarmos a língua inglesa como a predominante economicamente, certamente é a que domina o mercado editorial e, conseqüentemente, obras de países de língua inglesa tendem a circular com mais facilidade do que outras obras de línguas menos conhecidas. Diante desse cenário, reconhecer o potencial político da tradução é algo crucial nos tempos atuais, quando a tradução vem se tornando um espaço de compartilhamento de vozes e de redistribuição cultural.

Com George Steiner (1975), a teoria da tradução apontou para um novo horizonte. Ao longo das seis partes do seu livro *Depois de Babel* é recorrente a afirmação do autor de que traduzir é interpretar. Pensamento semelhante encontramos em Lawrence Venuti (2019) – o entendimento de que para a poética, a tradução não é nem uma ciência nem uma arte, mas uma atividade que implica pensar a literatura, pensar a língua. Assim, definir uma boa tradução em termos de equivalência, fidelidade e transparência é pensá-la como uma interpretação.

Contudo, se pensarmos em como a tradução era entendida antes de 1980, iremos nos deparar com poetas e teóricos cujo pensamento era um tanto conservador. A famosa frase do poeta estadunidense Robert Frost de que “a poesia é aquilo que se perde na tradução” (Frost, 1963, p. 159), corrobora com o pensamento de Paul Valéry (1957) de que traduzir um poema é o equivalente a matar um pássaro. Já a reflexão filosófica e literária de Steiner defende uma relação dialética entre preservação e transformação no âmbito do processo de tradução. Afinal, o ato de traduzir não deve ser visto como

a morte do poema (pássaro), mas sim como a sua liberdade – a liberdade de se deslocar (voar) para outras culturas. Ao contrário de uma visão conservadora da tradução, Steiner propõe uma visão profunda da linguagem e da filosofia, abrindo novos horizontes para a área de tradução, colocando-a como indispensável para a comunicação e troca humanas.

Ao repensar a tradução, Lawrence Venuti (2019) critica a fundamentação humanista (especialmente da tradução literária dos Estados Unidos) por reforçar crenças e ideologias domésticas predominantes. Sua principal crítica é a adaptação forçada do texto traduzido ao estilo dominante de autores da cultura receptora. Ou seja, o tradutor termina por produzir uma tradução subserviente ao contexto que irá acolhê-la, prejudicando, assim, a autenticidade do texto original e a escrita criativa dos tradutores. Venuti, para quem todo ato de tradução é transformativo, criativo e interpretativo, busca estabelecer um equilíbrio entre uma visão conservadora e uma visão progressista da tradução.

Conforme Gentzler (2009), a depender da visão da indústria editorial, a tradução pode vir a se tornar um ato de domesticação do texto traduzido, na tentativa de tornar familiar aquilo que não seria bem recepcionado pela cultura, fazendo com que a tradução do texto estrangeiro seja modificada ou ajustada para ser melhor acolhida pela cultura que a recebe. Contudo, ao evitar o estranho ou o não-familiar do texto de origem, o tradutor termina traindo o original, forçando a sua adaptação à outra cultura. No capítulo “Lawrence Venuti: repensando a tradução”, Gentzler reconhece esse tipo de tradução como um imperialismo cultural, de modo a adaptar o texto traduzido à comodificação e consumo da cultura receptora, tornando os livros traduzidos mercadorias vendáveis.

As sociedades evoluem, e com elas a recepção dos textos estrangeiros. Portanto, se antes as traduções apagavam traços estrangeiros do texto a ser traduzido, hoje, isso seria uma agressão ao texto de origem, relegando-o à margem do que é considerado literatura pelos já consagrados centros. Observamos que cada vez mais, as literaturas ditas de periferia são incluídas no cânone, recebendo o devido reconhecimento. Essa valorização de textos “estrangeiros” deve-se, notadamente, à evolução dos estudos da tradução ao longo dos anos. No entendimento contemporâneo da arte do traduzir, sabemos que se entregarmos o mesmo texto para dois tradutores não teremos duas traduções iguais. Isso prova que o texto traduzido parece ganhar autonomia, ou seja, a tradução pode ser lida como um original. Ainda assim, um texto não dispensa a leitura do outro. Mathieu Dosse reforça a importância da leitura aliada à tradução:

Une traduction qui se ferait passer pour un nouvel original tendrait à annuler les bienfaits du texte traduit. Car il y a bien un *gain* à lire en traduction. Il est communément admis qu'un original est toujours supérieur à sa traduction. Celle-ci n'en serait, au mieux, qu'une bonne copie. Or, la traduction n'est pas seulement “passage” entre les cultures, ses *bienfaits*, si l'on peut dire, se situent à un niveau plus profond, aux portes même de la lecture. C'est pourquoi, pour comprendre ce qu'est une traduction, ce que *peut faire* une traduction, il faut avant tout s'interroger sur ce qu'est la lecture du texte traduit (2009, p. 253).<sup>1</sup>

1 Uma tradução que se faça passar por um novo original tende a anular os benefícios do texto

A citação de Dosse esclarece que o trabalho do leitor nunca é passivo. Uma leitura bilíngue que coteja ambos os textos seria, de fato, uma leitura ideal. No entanto, o leitor do texto traduzido, mesmo sem uma profunda compreensão do texto-fonte, não deve ser entendido como um leitor menor. Conforme defende Dosse (2009), enxergar a tradução como simplesmente a passagem de um idioma a outro, seria reduzi-la a um ato estritamente linguístico. Dessa maneira, o texto traduzido deve ser considerado como um ato criativo, resultando num ganho para ambas as culturas, abrindo caminho para a possibilidade de expandir o horizonte de interpretação do texto original.

Seguindo o pensamento de Wolfgang Iser que identifica duas dimensões distintas na produção literária – a artística e a estética –, Dosse acrescenta uma terceira – a dimensão sociológica. Afinal, entre artística (criação) e a estética (recepção) encontramos o mercado da tradução que segue as regras do mercado editorial. Muitas vezes, por questões econômicas ou ideológicas alguns países deixam de publicar determinadas obras.

#### 4. A tradução de Morte e vida severina para o francês

Até 2020, os livros de João Cabral não haviam sido traduzidos para o francês, exceto alguns de seus poemas em antologias como é o caso de *La poésie du Brésil*, publicada em 2012 pela editora Chandeigne. Ainda, antes da tradução e publicação do livro *Mort et vie sévérine*, por Mathieu Dosse, houve uma tentativa de publicar a tradução do auto natalino por Mariana Camargo e Magdalena Bournot. Contudo, nenhuma editora se interessou pela tradução. As autoras vivenciaram a dificuldade em negociar os direitos autorais com os herdeiros do poeta. Em janeiro de 2020, na ocasião da celebração do centenário de nascimento do escritor pernambucano, a *Radio France Internationale* (RFI) entrevistou o crítico Antônio Carlos Secchin e abordou o fato de a obra de João Cabral ser pouco traduzida na França. Mesmo demonstrando surpresa pelo fato de o poeta pernambucano, reconhecido como um dos nomes incontornáveis da literatura brasileira do século XX, não ter nenhum livro traduzido para o francês, Secchin tentou expor os empecilhos que envolvem a circulação do texto poético em outra língua:

A poesia é a menos exportável das artes porque ela está de tal modo entranhada à sonoridade do original que, a menos que o poeta seja apenas aquele que lança ideias, mas não tenha a minúcia do trabalho da forma, a poesia quase sempre perde. E no caso de Cabral, há ainda um fator um pouco mais complicador que é a referência paisagística dele. A referência até vocabular, que é muito nordestina, torna um obstáculo maior para o tradutor. Não é muito agradável você ler um livro de poemas em que tem 4, 5, 6 notas de pé de página para explicar que aquela palavra não existe no francês e corresponde a um tipo de vegetação encontrada no interior do sertão, por exemplo.

---

traduzido. Afinal de contas, há algo a ganhar com a leitura de uma tradução. É comumente aceite que um original seja sempre superior à sua tradução. A tradução é, na melhor das hipóteses, uma boa cópia. Mas a tradução não é apenas uma "passagem" entre culturas; os seus benefícios, por assim dizer, situam-se a um nível mais profundo, nas próprias portas da leitura. É por isso que, para compreender o que é uma tradução e o que uma tradução pode fazer, devemos primeiro perguntar-nos o que é ler o texto traduzido. (tradução nossa).

Indo de encontro ao entendimento de Secchin, observamos que a tradução de Mathieu Dosse de *Morte e vida severina* trabalha com a paisagem nordestina de forma muito natural, sem demonstrar obstáculo com o vocabulário do poema, de maneira que a região do sertão pernambucano é muito bem acolhida pela língua francesa, revelando a tradução como um processo no qual poeta e tradutor se amalgamam. Para auxiliar o leitor, Dosse escreve uma introdução, expondo o conteúdo do auto natalino, mencionando a sua recepção no Brasil nos tempos da ditadura, bem como a adaptação do poema para o teatro acompanhado de um trecho da peça musicado por Chico Buarque. Sendo um tradutor atento ao percurso das teorias da tradução, Dosse é ciente sobre a forma de apresentar a sua tradução com o uso de suplementares adicionais como a introdução e um glossário das palavras regionais do poema. De fato, cada vez mais, nas últimas décadas, os textos traduzidos vêm sendo acompanhados de prefácios, introduções, posfácios, entrevistas e notas de rodapé no intuito de auxiliar na recepção e compreensão das obras.

*Mort et vie sévérine* foi publicada na França com o apoio do Ministério das Relações Exteriores do Brasil e a Fundação da Biblioteca Nacional com o Ministério do Turismo. A Editora Chandeigne, em acordo com a Agência Literária Riff do Rio de Janeiro negociou os direitos autorais com a família do poeta. Com todo o apoio do mercado editorial, e resolvida a questão dos direitos autorais com os herdeiros de João Cabral, finalmente, a tradução de Mathieu Dosse foi publicada em 2023 numa edição bilíngue.

Para ilustrar e comentar a tradução feita por Dosse, escolhi um trecho da primeira parte do auto natalino, quando o protagonista Severino se apresenta:

Nous sommes de nombreux Sévérinos  
pareils en tout dans la vie :  
la même grosse tête  
qui s'équilibre péniblement,  
le même ventre enflé  
sur les mêmes jambés fines,  
et pareils aussi parce que le sang  
q'on utilise est peu épais.  
Et si nous sommes des Sévérinos  
pareils en tout dans la vie,  
nous mourons d'une mort pareille,  
de la même mort sévérine :  
cette mort dont on meurt  
de vieillesse avant trente ans,  
d'embuscade avant vingt ans,  
de faim un peu chaque jour  
(de faiblesse et de maladie,  
c'est que la mort sévérine frappé  
à n'importe quel âge,  
même ceux que ne sont pas nés).  
Nous sommes de nombreux Sévérinos  
pareils em tout, y compris en destinée :  
celle d'adoucir ces pierres  
En les couvrant de sueur,  
celle de tenter de réveiller  
une terre toujours plus éteinte,  
celle de vouloir arracher

quelque culture des cendres.  
Mais pour que Vos Seigneuries,  
me connaissent un peu mieux  
et que vous puissiez mieux suivre  
l'histoire de m avie,  
je deviens presentemente  
Séverino le migrant.<sup>2</sup> (Melo-Neto, 2023, p. 21-22).

Na leitura do poema, observamos que o uso do heptassílabo e da assonância foi mantido na tradução, sempre que possível. O texto de Dosse incorpora o romanceiro ibérico bem como o folclore pernambucano na tradução francesa de *Morte e vida severina*. O realismo cabralino está presente não somente nesse trecho, mas em todas as cenas do auto natalino, caracterizado como uma peça de um ato, dividido em onze quadros, sendo o último subdividido em oito cenas. O tom trágico do auto que coloca Severino entre a vida e a morte é devidamente recriado na versão francesa, respeitando tanto a forma como o conteúdo da narração, de maneira que o leitor se depara com o drama de Severino nas duas línguas. A riqueza e a originalidade das paisagens e das imagens do poema são contempladas pelo leitor que tem a oportunidade de desfrutar de uma edição bilíngue, com uma introdução e um glossário, explicando o significado de palavras regionais em itálico como: Agreste, Caatinga, Latifundium, Engenho de açúcar e outras mais. Em outros trechos do auto natalino, como a cena dos coveiros, que é escrita em verso livre, Dosse preserva a mesma característica na tradução. Estamos diante de uma tradução fiel, porém sem se deixar levar pela rigidez, artificialidade, ou fidelidade abusiva.

## Considerações finais

Para além de dar visibilidade à obra de João Cabral traduzida na França, este artigo buscou investigar o processo de tradução ao longo dos tempos, ainda que com um breve recorte, ressaltando a importância do equilíbrio entre a visão conservadora e progressista da tradução. Propus uma reflexão, seguindo o pensamento de Mathieu Dosse, a respeito do elo importante entre estudos da leitura e estudos da tradução, de modo a tornar o leitor participante da passagem de um texto para outro idioma, valorizando o trabalho erudito do tradutor como um ato criativo. Além de Dosse, este estudo abordou ideias de teóricos e críticos dos estudos da tradução para melhor compreendermos a trajetória de uma área que vem se desenvolvendo nos estudos literários. Hoje, não podemos conceber uma poética mundial sem incluir a tradução. As ideias não devem se fixar somente numa língua. O pensamento deve ser livre como um pássaro, e é justamente pela tradução e

---

2 Somos muitos Severinos/ iguais em tudo na vida:/ na mesma cabeça grande/ que a custo é que se equilibra,/ no mesmo ventre crescido/ sobre as mesmas pernas finas/ e iguais também porque o sangue/ que usamos tem pouca tinta./ E se somos Severinos/ iguais em tudo na vida, /morremos de morte igual, /mesma morte severina: /que é a morte de que se morre/ de velhice antes dos trinta,/ de emboscada antes dos vinte,/ de fome um pouco por dia/ (de fraqueza e de doença/ é que a morte severina/ ataca em qualquer idade, /e até gente não nascida)./ Somos muitos Severinos/ iguais em tudo e na sina:/ a de abrandar estas pedras/ suando-se muito em cima,/ a de tentar despertar/ terra sempre mais extinta,/ a de querer arrancar/ algum roçado da cinza. Mas, para que me conheçam/ melhor Vossas Senhorias/ e melhor possam seguir/ a história de minha vida,/ passo a ser o Severino/ que em vossa presença emigra.

circulação das obras que a poesia alcança a liberdade. A crítica sobre tradução se impõe como uma necessidade e, juntamente com ela, se completa a valorização teórica e prática da literalidade.

O estudo da poética de um autor como João Cabral que marcou o modernismo brasileiro ultrapassa o limite nacional. Destacar a tradução de seus livros que se deslocam para outros países e continentes, no caso específico deste artigo, a circulação e a recepção de sua obra em solo francês, é um tema imprescindível nos estudos da área de Literatura Comparada. Por fim, busquei demonstrar que o tradutor atua como um agente da emancipação linguística. O papel do tradutor deve ser entendido como um trabalho artístico crucial e poderoso para o reconhecimento de autores em outras culturas.

No trecho escolhido da tradução de Mathieu Dosse, percebemos que o tradutor escolheu se manter mais preso à forma original do poema, como foi possível observar na disposição das palavras nos versos, porém sem deixar de intervir com a escrita criativa, tornando-a cúmplice do original, de modo que a obra *Morte e vida severina* viaja para a França sem perdas no seu significado. O esforço físico e mental de um poeta racional como João Cabral reverbera no esforço do tradutor ao escolher as palavras que melhor traduzirão o poema. Enfim, o tradutor adquire o papel de um agente cultural – um agente que reflete sobre a atividade poética, sobre o jogo poético e, nesse caso, sobre a vida e a morte de tantos severinos no mundo. As cenas que retratam a realidade do retirante severino tornam o poema emblemático para refugiados e imigrantes ao redor do globo.

Como sabemos, as traduções aprofundam e ampliam a compreensão entre culturas. A revisão e a tradução da poesia de João Cabral mostram sua relevância e impacto também no ensino e pesquisa de poesia brasileira tanto no Brasil como na França, aprofundando a troca cultural entre os dois países. E para que essa troca se efetive concretamente, os tradutores se tornam os grandes agentes da emancipação literária, histórica e política.

Compreendemos que o conceito metodológico franco-alemão de transferências culturais nos ensina que a tradução envolve elementos ligados tanto à singularidade do texto em questão quanto ao horizonte histórico, geográfico e literário que irá acolhê-lo (Espagne, 2017). A tradução literária, especialmente a do gênero poético, é muito mais do que uma simples operação linguística, pois as línguas são interligadas à diversidade cultural, uma diversidade indispensável que a Organização das Nações Unidas defende, por intermédio da UNESCO, na tentativa de impedir o aumento desenfreado de conflitos decorrentes do choque entre culturas, em particular neste século em que vivemos (Oustinoff, 2018). Assim, a tradução tem como função social diminuir as diferenças, estreitar os laços e promover o diálogo entre culturas. A tradução do texto poético requer a reflexão sobre a tradução no nível mais alto, algo que difere totalmente de uma tradução mecânica, como bem argumenta Henri Meschonnic (1999) ao defender uma “poética da tradução”. E foi justamente isso o que pudemos constatar na tradução primorosa de Mathieu Dosse.

## Referências

- CASSIN, Barbara. **Elogio da tradução**: complicar o universal. Tradução de: Daniel Falkembach e Simone Petry. São Paulo: Editora WMF; Martins Fontes, 2022.
- DOSSE, Mathieu. **L'acte de traduction** : écrire, publier, lire. La traduction littéraire à l'âge de la mondialisation, *Carnets*, Première Série - 1 Numéro Spécial, 2009, p. 243-255.
- MELO NETO, João Cabral de. **Mort et vie sévérine**. Tradução de: Mathieu Dosse. Paris: Chandeigne, 2023.
- FROST, Robert. **Selected Letters**. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1964.
- ESPAGNE, Michel. "A noção de transferência cultural." In *Jangada*, nº. 9, 2017, pp. 136-147.
- GENTZLER, Edwin. **Teorias contemporâneas da tradução**. Tradução de: Marcos Malvezzi. São Paulo: Madras, 2009.
- MESCHONNIC, Henri. **Poétique du traduire**. Paris: Verdier, 1999.
- OUSTINOFF, Michaël. **Tradução**: História, teorias e métodos. Tradução de: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2011.
- SECCHIN, Antonio Carlos. Celebrado no Brasil em centenário, João Cabral de Melo Neto não tem livros traduzidos na França. Entrevista concedida à Rádio RFI, Rendez-vous cultural, 17 de jan. de 2020.
- SECCHIN, Antonio Carlos. João Cabral: tradutor e traduzido. In: *Papeis de poesia II*. São Paulo: UNESP, 2022.
- STEINER, George. **After Babel**: Aspects of language & translation. Oxford: Oxford University Press, 1975.
- VALÉRY, Paul. **Traductions en vers des Bucoliques de Virgile/ Variations sur les Bucoliques**. Paris: Gallimard, 1957.
- VENUTI, Lawrence. **Escândalos da tradução**: por uma estética da diferença. São Paulo: UNESP, 2019.